

Boletim informativo

MAIO/78

ANO I
nº 3



ABTB ABTB ABTB

O Festival, Congresso e Exposição da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (segunda quinzena de março, Petrópolis, 300 pessoas, cursos, seminários) possibilitaram um contato aprofundado de muitos dos grupos que se dedicam a bonecos, trazendo à tona discussões que muito enriquecem a prática desse teatro no Brasil.

De alguns anos (4, 5?) para cá começa a despontar interesse pelo potencial crítico do teatro de bonecos, suas possibilidades de distanciamento, a construção de espetáculos com atores e bonecos simultaneamente. As experiências do Grupo Ventoforte (*Histórias de Lenços e Vents, Da Metade do Caminho ao País do Último Círculo, Nove Luas, Pequenas Histórias de Lorca*) abriram campo para um teatro crítico dirigido a adultos e crianças, cuja maior "lição" para a

platéia era a abolição de hierarquia trabalho manual/trabalho intelectual. Seus espetáculos eram construídos num esforço de desmistificar o teatro, exibindo seu processo de construção, no sentido de inseri-lo no quotidiano, mas sempre demarcando a arte como produção, numa qualidade diversa do lúdico.

Antes do trabalho do Ventoforte, experiências esparsas, muito mais radicais aconteceram, inclusive teatro de agitação feito com bonecos no pré-64, o que hoje

sequer é cogitado. (Aliás quem conhece o teatro de agitação com bonecos do Chile/Unidade Popular? O grupo Cabezones de la Feria, subvenzionado pelo governo, tinha sua presença garantida em reuniões, assembleias, manifestações, inauguração de conjuntos residenciais, denunciando as manobras da direita através de peças construídas sobre fatos do quotidiano ou mesmo acontecimentos políticos mais gerais).

Novas possibilidades de

teatro de bonecos estão sendo experimentadas com o surgimento de grupos em todo o país. E os novos rumos das atividades dos titereiros (ou titereteiros ou ainda bonequeiros) não se dão apenas nos projetos de público ou temática abordada pelas peças. Os artistas sabem muito bem que a linguagem, em seus diversos níveis, tem peso fundamental e deve ser tão questionada quanto os chamados conteúdos.

O interessante a observar no teatro de bonecos crítico é sua recusa do naturalismo. Ao contrário do teatro de atores onde, muitas vezes reafirmado pela tradição populista, o jargão do palco opta pelo verismo, apelando para o envolvimento emocional da platéia, o teatro de bonecos embarca na canoa do distanciamento. Os bonecos de vara e luvas são preferidos aos marionetes porque não tentam imitar o real, e sim transformá-lo.

Nos espetáculos do Festival, a apresentação dos grupos Laborarte e Navegando

- só como exemplos - mostram duas vias a ser exploradas a partir das representações com bonecos e atores. O Laborarte faz atores/personagens contracenarem com bonecos diretamente (o ator no papel de cavaleiro cortejando uma princesa, boneca de vara de mais de 2 metros). O Navegando faz com que os manipuladores tenham um papel visível: ao invés do pano tradicional que esconde os atores, a peça *Tá Na Hora Tá na Hora* coloca apenas uma faixa sobre a qual apa-

recerão os bonecos, deixando que a platéia perceba os movimentos de corpo e identifique as vozes dos manipuladores. Muitas vezes o ator/manipulador critica com a máscara (expressão facial), com a voz, até mesmo seu próprio boneco, criando no espectador uma realidade contraditória, onde não há "Razão", não há bons ou maus, e sim interesses.

As realizações da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, de abril de 77 para cá, marcam um sopro de vida numa entidade cultural estagnada há anos com uma mesma diretoria, derrotada nas eleições do ano passado e cuja única proposta de trabalho junto aos grupos era a organização de um festival anual.

A nova diretoria, embora isolada, pois a ABTB é uma associação nacional sem bases nacionais organizadas, e com trabalho de mobilização circunscrito ao Rio, lançou, ainda no ano passado um jornal e acatou, entusiasmada, as propostas vitoriosas no último Congresso - formação de núcleos estaduais ou Regionais com o maior número possível de integrantes, ativando realizações locais (cursos, apresentações) com o objetivo de tornar a ABTB um organismo independente e forte economicamente, que possa se auto-sustentar, sem depender do Estado.

Pela primeira vez em toda sua existência, a própria razão de ser da ABTB foi questionada. Associação de classe? Entidade cultural? E se entidade cultural, com que objetivos, como fazer vingar o potencial do teatro de bonecos, dinamizá-lo, retirá-lo do isolamento, dos grupos de teatro de aniversário, do "teatrinho"? As discussões foram acaloradas. As relações arte/Estado, debatidas de maneira difusa durante o Congresso parecem ter nas palavras de Manoel Kobachuk (grupo Carreta), presidente da Associação, uma posição firme e decidida.

As subvenções existem e não se trata de recusá-las, desde que elas não interfiram em nossa autonomia e independência.

Mas as coisas não são assim tão simples. A ABTB congrega interesses tão dispares que, dificilmente por enquanto, se conseguirá uma política clara. Dentro da Associação convivem grupos profissionais - dentre estes, cooperativados e empresariais - e amadores, divididos em amadores dilettantes e amadores-independentes, estes com perspectivas de trabalho que colabore, ao nível da arte, de forma crítica, para as transformações sociais; e ainda o teatro escolar e terapêutica.

Se os profissionais vanguardistas da ABTB, necessariamente a Associação terá que se comprometer com lutas fundamentalmente econômicas, que visem à "estabilidade" do pequeno produtor, recheio de sanduíche do teatro empresarial por um lado e do teatro independente, por outro. Se predomina o teatro independente, as lutas econômicas virão subordinadas a uma atuação política mais direta, empinhada na construção de alternativas culturais independentes, antiempresariais.

De qualquer forma, as resoluções do Congresso deste ano já são um passo importante pois tocam em dois pontos fundamentais: a democratização e a independência da entidade. O que é um desafio para a atual diretoria, com um ano de mandato ainda pela frente: se o caminho apontado pelo Congresso não for trilhado, segundo muitos de seus participantes, a Associação corre o risco de se tornar uma Academia Brasileira de Letras, com um grande chão todo ano: o festival nacional.

(Ethel Leon)

**Grupo Contadores de Histórias,
Rio de Janeiro. Depoimento de Marcos Ribas.**

Fazer teatro na praça é voltar-se contra a posição de que "o teatro acabou". No período em que essa idéia elista imperava, o grande problema não era o teatro, mas sim o público, que não ia ao teatro devido ao preço dos ingressos, principalmente. Se o público não vai ao teatro, é o teatro que deve ir ao público. Nessa perspectiva resolvemos vender nossos espetáculos para o Departamento de Parques e Jardins, percorrendo praças de todo o Rio de Janeiro. Fazemos teatro para todo tipo de público e pudemos perceber que em praças frequentadas por alta pequeno-burguesia, os adultos têm dificuldade de participar, resistem; já em praças de subúrbio ou mesmo de zona sul onde, ocasionalmente, assistem a nosso trabalho trabalhadores de construção civil, comerciários, etc., é muito mais fácil para os espectadores assumir o lúdico. As crianças aceitam bem nossas propostas e participam ativamente dos espetáculos. Mas nosso trabalho não se dirige a crianças ou a adultos, o que, aliás, costuma baratinhar os críticos. O teatro de rua se inspira nas festas populares, cuja origem é feudal. Na Idade Média, as festas religiosas ou profanas, a Commedia dell'Arte não determinavam o público por faixa etária. O próprio Bumba-meu-boi é para adultos ou crianças?

Mamulengos

Não queremos ter padrões como na arte oficial que obriga a adoção de critérios baseados na divisão adulto-criança. Aliás, é preciso ter claro que essa divisão é feita no período capitalista e tem na escola seu melhor agente. É claro que, na medida em que essa divisão foi forjada, temos que arcar com ela. Em espaços fechados, quando nos apresentamos em escolas, separamos o público em menos e mais de nove anos. E isso porque a própria escola e a vida que as crianças levam ensinou-as a se agredir mutuamente, a não saber se relacionar. O engracado é que em espaços abertos esse problema é minimizado.

A divisão adulto/criança impõe até formas diferenciadas de representar: para o adulto, o trabalho do ator é sério, comedido; para a criança, o senso comum e seus porta-vozes, os críticos, exigem um clima de animação/excitação do tipo "o circo chegou". Não nos submetemos a esses condicionamentos, alimentados também pela TV.

Somos contra o ritual do teatro convencional - ingresso, horário, roupas - que o teatro de rua quebra inteiramente. Mas também não queremos reproduzir a experiência do titereiro popular. Repetir um Bumba-meu-Boi é cair no folclore, no pitoresco. Com o artista popular aprendemos a utilizar certas técnicas, fundamentais, a improvisar, a trabalhar sem bastidores, a fazer realmente um teatro dinâmico.

Grupo Mamulengo Só-Riso, Pernambuco. Depoimento de Fernando Augusto.

Quem nos alertou para a importância do mamulengo foi Hermilo Borba Filho. Como todo teatro de bonecos, o mamulengo tem raízes religiosas, no

caso particular, origina-se dos Presépios, mas vai perdendo o caráter religioso, até se constituir em manifestação teatral popular. Ao contrário do Bumba-meu-boi e do Pastoril que têm características de confraternização social, o mamulengo é crítico, incomoda. Os mamulengueros - artistas populares, sem recursos técnicos complicados, são mambembes que se apresentam em feiras e praças com espetáculos vivos, maliciosos e com uma carga crítica forte, embora ingênua, à realidade social. Seus bonecos são de madeira leve, de talhe rústico, inteiramente arbitrários quanto aos aspectos do realismo. O mamulengo, ao representar o real, prescinde de justificativas - ele até levita! Não há texto, apenas um roteiro enumerado das sequências do espetáculo.

A divisão adulto/criança

Tentamos captar toda essa maneira de ser do mamulengo, mas não nos definimos como artistas populares. Embora a expressão seja péssima, costumamos dizer que fazemos a "eruditização" do mamulengo, uma recriação, não uma reprodução. Não queremos ser popularescos, nem folclóricos. Nosso público são campões, operários, marginais e estudantes e essa diversificação é possível, porque o mamulengo se alimenta das intervenções do público para quem se apresenta. O público identifica nos personagens figuras ou mesmo classes e grupos sociais contra ou a favor dos quais esteja; os atores devem ser sensíveis para compreender as manifestações do público e levar o espetáculo ao encontro delas. Essa flexibilidade do mamulengo é o aspecto mais fascinante desse tipo de teatro, é o que mais leva ao lúdico. E essa manifestação é importante quando o processo social, a comunicação de massas mexeu com o imaginário social. No Nordeste o mamulengo popular tende ao desaparecimento. Os poucos mamulengueros que existem são contratados para festas, perdendo o grande filão de espontaneidade anterior. Isso não quer dizer que tudo que venha espontaneamente do povo seja bom. Quantas coisas extremamente reacionárias fazem parte dessa dança toda! Nós recrimos o mamulengo dentro de conceções nossas, seguindo deles as técnicas, os meios para fazer o brinquedo teatral. Fazemos espetáculos diferentes para adultos e crianças, forçados pela censura. Onde se viu mamulengo ou para adulto ou para criança? Isso não existe. O teatro de bonecos que, na Idade Média se dirigia para adultos e crianças, virou uma mera diversão infantil, no sentido pejorativo. É claro que a divisão adulto/criança é um preconceito que deve acabar. Mas nosso trabalho não se volta diretamente para isso, mas para recuperar o potencial crítico do teatro de bonecos para adultos.

Grupo Labotarte, Maranhão. Depoimento de Tácito Borralho que, além de integrar o Laborarte, é presidente da Confederação Nacional de Teatro Amador (CONFENATA)

Nosso grupo não se isola da vida social; trabalhamos com uma faixa da população bem específica - na Ilha de São Luís são as comunidades rurais onde moram as camadas mais pauperizadas da população. Também vamos para o interior, em pequenas cidades, priorizando públicos oprimidos. Trabalhamos criando núcleos vinculados à educação dos moradores. Mas nunca nos esquecemos de que somos artistas; alias, nunca mudamos o nome do espetáculo; a comunidade nos fornece alimentação, hospedagem e, muitas vezes transporte (gasolina ou até canoa). Para nós, reconhecer que somos artistas, que não somos nós que vamos mudar diretamente a estrutura social, é fundamental. É importante também reconhecer que não queremos reafirmar os valores do povo; nossa perspectiva é de reagir ativamente (e não resistir apenas) ao colonialismo cultural interno, sem defender, de forma alguma, uma arte verde-amarela. Há muita coisa de reacionário (as lorotas, o servilismo, o machismo) na cultura popular que rejeitamos. Combinamos nossa visão estética com as coisas importantes da cultura popular - ao nível da organização do trabalho, o sistema comuni-

tário que propõe mutirões para a roça; ao nível artístico, a postura inquietante da movimentação do corpo, a liberação dos músculos. A dança do caboclo, por exemplo, não é submissa, o caboclo não levanta o pé para dançar, mas também não o arrasta, ao contrário dos que pensam imitá-lo. A adição do popular possibilita nossa aproximação com o público através da linguagem. Aquelas que não enxergam a linguagem como ponto fundamental de qualquer trabalho pedagógico, caem no panfletarismo estéril e inconsequente. A população recebe o trabalho panfletário como um desrespeito à sua vivência. Não é tarefa da atividade cultural fornecer diretrizes das grandes mudanças, mas estimular a articulação e organização, daí ele não ser doutrinário; mas também não poder ser empírico e ingênuo. Nossos espetáculos vão além, em certos aspectos, do nível de consciência daqueles que os recebem, abrindo um caminho de discussão.

MATERIAL EXTRATO DO JORNAL

"EM TEMPO"

nº 07 - 17/23 de abril/78.

Reportagem: ETHEL LÉON

VII FESTIVAL, IV CONGRESSO, I EXPOSIÇÃO

A V A L I A Ç Ã O

A Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, ao término do VII FESTIVAL, IV CONGRESSO, e I EXPOSIÇÃO, que foram realizados de 12 a 21 de março p.p., em Petrópolis, está apresentando uma avaliação final desses trabalhos.

A programação divulgada antecipadamente foi cumprida quase que na íntegra, com exceção apenas da palestra que seria proferida por CECILIA CONDE - "A Música no Teatro de Bonecos" e do Ciclo de Estudos "Boneco na Televisão", que não contou com a presença de FERNER ZALINETAI "Mississipe Center of Television", ambos impedidos de comparecer por motivos de saúde.

A comissão de organização desses eventos reservou toda a manhã do dia 21 para uma profunda avaliação e discussões sobre o resultado desses trabalhos, junto com todos os participantes. Dessa reunião foram extraídos os seguintes pontos positivos :

- a quantidade de informações oferecidas aos participantes permitiu grandes reflexões a respeito do teatro de bonecos sob diversos enfoques: aplicação na educação, na televisão, na terapia e como espetáculo. Para isso, muito contribuiram os cursos e as palestras, fornecendo subsídios teóricos e práticos, resultando um grande interesse em continuar com esses, após o Festival.

- o posicionamento da ABTB como entidade. Nesse aspecto, deve-se ressaltar as grandes dúvidas apresentadas, no início do Congresso, a respeito da própria Associação. Ao final dessas reuniões, chegou-se a um consenso comum no sentido de que não se pode confundir o papel da ABTB com o do Sindicato dos Artistas. A Associação, por suas dispositivos estatutários, congrega pessoas ligadas direta ou indiretamente ao teatro de bonecos, profissionais e amadores, que atuam ou simplesmente se interessam pelo assunto. A ela especificamente uma função cultural, o que não a impede de participar significativamente no panorama global artístico, através de diversos mecanismos de ação.

- como ponto prioritário, cabe à ABTB, agora, desenvolver meios que garantam a sua sobrevivência, ganhando corpo e condições financeiras de forma independente, para agir com mais eficiência. Em segundo lugar, será deflagrado um processo de descentralização, a fim de que ela se caracterize verdadeiramente como uma entidade a nível nacio-

nal. Durante o VII Festival, foram nomeadas equipes representantes para os Estados do Acre, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Brasília. Nessa localidades será realizado um levantamento e pesquisa da realidade do teatro de bonecos, partindo daí uma proposta de atividades a serem desenvolvidas pela ABTB. A essas equipes caberá, também, participar, sobretudo do desenvolvimento anual da Associação e, ainda, no projeto do próximo Encontro.

Quanto aos pontos negativos levantados, no Festival, podem ser destacados os seguintes:

- o VII FESTIVAL contou com uma programação excessiva e acumulada. Os cursos, as palestras e outras atividades desenvolviam-se paralelamente, de acordo com as diversas especialidades, tendo os participantes que optar segundo o interesse particular. Concluiram que o Encontro deve conter a parte de mostra dos espetáculos e, também, a parte formativa da classe mas, menos diversificada e mais aprofundada.

- os espetáculos estrangeiros pouco contribuíram para troca de experiência. Convém, nos próximos encontros, o investimento em apenas um espetáculo internacional mas que seja de decisiva contribuição ao processo de pesquisa e estudo da classe brasileira.

- quanto aos grupos brasileiros que se apresentaram, houve surpresas agradáveis mas, de um modo geral os espetáculos apresentaram um nível aquém da expectativa. Por outro lado, propositalmente, a Diretoria da ABTB incluiu na programação, espetáculos, que podem ser caracterizados como fundamentalmente de atores. Trabalhos, inclusive, de grande qualidade artística mas que, segundo a opinião de alguns, não se enquadravam na categoria de teatro de bonecos. A presença desses trabalhos muito contribuiu para fomentar uma intensa discussão a respeito do próprio teatro de bonecos, sua linguagem, sua especificidade, provocando um cuidado maior para "seu evidente desengalhamento do contexto global de teatro".

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A Diretoria da ABTB, quando da concepção inicial do projeto do VII FESTIVAL, teve como preocupação básica estabelecer uma ampla abertura, visando justamente conquistar o maior número de pessoas e grupos e, especialmente, aqueles que se iniciam nesta categoria artística. Inclusive, não limitando a participação de exclusivamente associados. Interessou, explicitamente, à nova Diretoria, neste primeiro Encontro, sob a sua responsabilidade, arriscar essa experiência, e, não adotar

qualquer tipo de pré-julgamento a respeito dos espetáculos ou descriminar-nos por qualquer motivo. E, em contra partida, oferecer uma grande carga formativa, que viria suprir ou suavisar a deficiência de informações de que sofre o teatro de bonecos. Sob esse ponto de vista, o Encontro alcançou plenamente seus objetivos.

Dessa forma, a Diretoria da ABTF coloca como os grandes resultados obtidos: 1) o entendimento final sobre a função da Associação; 2) a reflexão apropriada e intensa sobre as infinitas potencialidades do teatro de bonecos; 3) a conquista de equipes interessadas em trabalhos em onze Estados brasileiros.

Vale ainda comentar o grande êxito da I EXPOSIÇÃO DE TEATRO DE BOHECOS que, sem o esforço e o profundo conhecimento da professora Magda Modesto, não teria sido possível. Diversas escolas e pessoas têm procurado, insistentemente a ABTF, consultando sobre a possibilidade de realização dessa Exposição no Rio, viabilidade esta em estudo.

Finalmente, cabe um agradecimento aos Órgãos patrocinadores - o SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO/DAC/FUNARTE/ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA e SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC e, muito especialmente à administração da Colônia de Férias do SESC, em Nogueira, Petrópolis, cuja dedicação e interesse permitiram o excelente funcionamento dos eventos e, ainda, ao apoio da MUNICIPAL, Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Petrópolis e ABRARTE.

§ § §

CICLO DE TEATRO FILMADO NO CACILDA BECKER

O Ministério de Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais - Funarte e Serviço Nacional de Teatro, em colaboração com a Aliança Francesa de São Paulo e a Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, estão apresentando o CICLO DE TEATRO FILMADO no TEATRO CACILDA BECKER, todas as segundas-feiras, às 21 horas, com ingressos ao preço de Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros), e no Teatro Eugênio Kusnet, em São Paulo.

A programação está merecendo ampla divulgação pelos jornais.

Todos os filmes a serem apresentados no mês de setembro serão sobre TEATRO DE BOHECOS.

§ § §

CONTINUA A LUTA PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO

No dia 25 de abril p.p., foi tornada pública na ABI (Associação Brasileira de Imprensa), o COMISSÃO PERMANENTE DE LUTA PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO. Para Ian Michalski da ACCT, a Comissão "é uma tomada de posição coletiva de muitas entidades da área cultural em favor da liberdade de expressão, para evitar que a cada proibição proteste, apenas, o setor directamente prejudicado".

Aquele momento, a Comissão era integrada pelas seguintes entidades:

- ABAPP (Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais);
- AFRACI (Associação Brasileira de Cineastas);
- ABD (Associação Brasileira de Documentaristas);
- ABTB (Associação Brasileira de Teatro de Bonecos);
- ABEQ (Associação Brasileira para o Estudo dos Quadrinhos);
- ACCT (Associação Carioca de Críticos Teatrais);
- ASA (Associação dos Atores em Dublagem, Cinema, Rádio, Televisão, Propaganda e Imprensa);
- APTT (Associação Pró-Teatro da Tijuca);
- Clube da Criação;
- Comitê de Imprensa Independente;
- CNC (Conselho Nacional de Cineclubes);
- Federação de Cineclubes do Estado do Rio de Janeiro;
- FETIERJ (Federação de Teatro Independente do Rio de Janeiro)
- SOMBRAS (Sociedade Musical Brasileira).

No ato público de instituição da Comissão Permanente de Luta Pela Liberdade de Expressão, foi divulgado o documento que passamos a publicar (na íntegra) :

"O acesso à informação, à obra de arte, ao livre exercício da criatividade é um direito inalienável do ser humano. Em todos os setores e cotidiano da coletividade, ele deve ser respeitado e garantido. A interdição de uma peça, a proibição de um filme, o recolhimento de um livro, o corte de um verso, o voto a matérias e a apreensão de jornais e revistas, nenhum desses fatos pode ser encarado com naturalidade: são anomalias com repercussões diretas no crescimento de um povo e na vida de uma Nação. São algemas impedindo e frustrando o pleno desenvolvimento, daqueles que criam nos mais diversos setores.

"Os efeitos perniciosos, cerceadores e sufocantes da Censura fazem parte do nosso dia a dia já há tanto tempo que o nosso natural sentimento de indignação tem se diluído ou fracionado em protestos isolados.

"Mais do que nunca conscientes das motivações que regem esse cerceamento arbitrário à criação, ao pensamento e à livre manifestação de idéias, decidimos agora pela tomada de posição coletiva, através de uma Comissão Permanente de Luta Pela Liberdade de Expressão, digo Permanente.

"A Comissão é tornada pública num momento em que a repressão recrudece. Quase diariamente tomamos conhecimento de brutais intervenções dos órgãos censórios na vida cultural do País, proibindo, cortando, apreendendo, deturpando a autenticidade da criação, atrasando a programação das empresas, causando irrecuperáveis prejuizos morais e materiais aos artistas, aos intelectuais, aos produtores, ao público e, em muitos casos, fechando drásticamente o já em si precário mercado de trabalho nos diversos setores da atividade cultural.

"Neste momento, em que a aspiração a uma organização democrática das instituições aparece claramente como resultado de um consenso nacional, pesa sobre os ombros de todos e de cada um de nós um profundo sentimento de responsabilidade. É inadmissível uma institucionalização democrática que tenha como condição a insegurança, o silenciamento ou a omissão forçada do cidadão, do artista, do intelectual. A democracia não pode conviver com a negação da variedade e complexidade de valores que estão implícitas no próprio conceito de cultura. Repudiamos um progresso que não tenha por base, obrigatoriamente, o respeito à divergência de opiniões, à ampla circulação de informações e conhecimento e à livre manifestação do pensamento.

"Assim, congregados nesta Comissão Permanente de Luta Pela Liberdade de Expressão, partimos para uma ação coletiva e una, voltada não apenas para o repúdio às manifestações da Censura, como ainda, e principalmente, para um estudo sério e cuidadoso dos prejuizos que essas manifestações vêm causando ao povo brasileiro, dos pontos de vista cultural, econômico-financeiro e do mercado de trabalho. Estamos, deste modo, dando corpo a uma união em que todos nós - gente de Cinema, Teatro, Música, Artes Plásticas e Gráficas, Fotografia, História em Quadrinho, Publicidade, Rádio e Televisão - assumimos coletivamente a resistência aos atentados contra a liberdade de pensar, criar, trabalhar. "

O documento está aí ! Esperamos que não seja apenas mais uma manifestação que se faz neste País !!! Isto depende de você ! Leve ao conhecimento de outras pessoas, outros grupos, outros setores de representação !!!

A Diretoria.

12º FESTIVAL DE INVERNO - OURO PRETO

A ABTB está interessada em realizar uma atividade integrada ao 12º Festival de Inverno, em Ouro Preto, no próximo mês de julho. Já foi feito um contato com a Coordenação do Festival que acolheu a iniciativa da ABTB.

Será realizado um "atelier" de experimentação de um processo de montagem de um espetáculo de teatro de bonecos, onde representantes de grupos poderão trabalhar juntos, durante 17 dias, estudando, confecionando e observando os diversos métodos de trabalho, característicos de cada grupo.

Dependendo dos últimos entendimentos com instituições, no Rio, a ABTB convidará representantes dos grupos, comunicando as condições de participação.

P O M I N G O -- P O N E S C O

A Associação Brasileira de Teatro de Bonecos está promovendo, com o patrocínio do Serviço Social do Comércio - SESC, uma programação regular intitulada "DOMINGO BONECO" que consiste na apresentação de espetáculos de Teatro de Bonecos, todos os domingos, às 10.30 hs, no Teatro do SESC da Tijuca.

Cada grupo estará em cartaz durante um mês, de maio a dezembro do corrente ano.

Continuando seus propósitos de dinamizar significativamente suas atividades, a ABTB sente nessa iniciativa duas grandes oportunidades: manter uma programação regular com os grupos de Teatro de Bonecos e insistir na abertura de mais um horário para o Teatro Infantil, suprindo as deficiências do espaço existentes.

Este projeto foi aberto dia 1º de maio p.p., com a apresentação da peça "A Margarida Curiosa Visita a Floresta Negra", do Grupo Carreta, e uma pequena exposição de bonecos, com a colaboração de Marie Louise Méry, Virgínia Vali e Alvaro Barata, e ainda dos grupos "Na Cor da Bamba", "Carreta", "Quintal", "Revisão", "Só-Riso", e "Vento Forte".

Durante o mês de Junho estará em cartaz um trabalho de pentimento e bonecos de Hector Grillo.

Oportunamente, a ABTB estará divulgando todos os espetáculos que integrarão a primeira temporada do projeto "Domingo Boneco".

INFORMATIVO INTERNACIONAL

de Ana Maria Amaral

SÔBRE O XIIIº CONGRESSO DA UNIMA

Dos Estados Unidos, Nancy Staub, Presidente da Comissão de Organização do Congresso da UNIMA, juntamente com o Festival Internacional de Marionetes, também organizado pelo "Puppeters of America" e pelo Centro/UNIMA-USA, nos diz que ele será realizado na Universidade de Georgetown, e no "J. F. Kennedy Center for the Performing Arts", em Washington DC, entre os dias 9 e 15 de junho de 1980.

Vários Museus que pertencem ao "Smithsonian Institute" estão planejando expor bonecos, entre eles o Museu Nacional de História e Tecnologia, que apresentará bonecos históricos, ou o Museu de História Natural, que apresentará bonecos da Malásia e de outros grupos étnicos do Pacífico, ou o Museu Eishorn, com bonecos desenhados ou confeccionados por artistas da atualidade. Outros Museus também prestarão sua colaboração. A "Corcoran Art Galery" também está incluída na programação com uma retrospectiva do Teatro de Bonecos Americano.

A Organização dos Estados Americanos - OEA também vai expor bonecos da América do Sul e América Central. Antecedendo o Congresso estão sendo planejados em diversas cidades americanas, como N. York, Detroit, Atlanta, Chicago e São Francisco, vários Mi-ni-Festivais como preparação ou como apresentação prévia dos trabalhos do Festival Internacional e Congresso da Unima.

Com todos esses preparativos já podemos prever o sucesso de tão importante Festival e que, para nós em particular, será um acontecimento único para o avanço dessa nossa arte e para o Teatro de Bonecos de todo o mundo.

DA INGLATERRA

a triste notícia da perda de Fanto Philpott, um dos sócios fundadores do "Educational Puppetry Association", e sobre cujo trabalho e estímulo a Associação sempre dependeu.

Philpott é autor e editor de vários livros sobre Teatro de Bonecos, entre eles o básico "Puppet Book", e, recentemente, a pesquisa em teatro de boneco e terapia, "Puppets and Therapy".

Ainda da Inglaterra, revivências de Edward Gordon Craig! As controvertidas idéias de E.G. Craig (1872-1967) foram debatidas em janeiro por Maurice Steawrt na Univ. de Londres e em seguida um curso de 12 semanas foi aberto, patrocinado pelo "Battersea Adult Education Institute". Edward Gordon Craig dedicou profundos estudos aos bonecos.

Defendia a tese de que a marionete em futuro próximo substituiria com excelências o ator/vivo. Entre seus polêmicos artigos temos o "Ator e a Marionete" publicado na revista "THE MASK" e mais tarde em "The Theatre Advancing" (1921). É significativo o fato dessas idéias voltarem a ser discutidas.

Nota: Dentro da programação int. anual, realiza-se, em outubro, de 23 a 28, na Checoslováquia, o "Scenika Zatva a Martin", em Bratislava.

DOS ESTADOS UNIDOS

Claude Monestier num artigo recentemente publicado em "Puppetry Journal" (março/abril 1978) nos fala sobre o movimento de Teatro de Bonecos na França. Ele que "as marionetes que mais facilmente se podem ver são as que se apresentam em pequenos teatros, em jardins públicos, geralmente de forma tradicional e para público infantil. Em Paris podem ser vistos no Champs de Mars, em Buttes Chummont, no Jardim d' Aclimmatation ou no Teatro de Luxembourg. E também em Amiens e em Lyon. Mas, esses tetos tradicionais são apenas remanescentes de uma tradição e não são representativos do movimento atual de teatro de bonecos na França. Atualmente existem pelos menos 80 grupos amadores e 60 profissionais. Desses profissionais há uns 20 que são mais representativos, entre eles temos: Bazilier, os Darus, os Fuhrmanns, Bjorn Fuhler, Philippe Genty, Jean Paul Hubert, os Monestiers, Houdart, Poissons, o "Raton laveur", Recoing, Pascal Savic, Tahon, Jacques Voyet, Bordenave, Dougnacs, Jappelle, Yves Jolly, J. P. Lescot. Foi criado na França o Centro Nacional de Marionetistas, em 1970, com o objetivo de promover uma melhor qualidade de espetáculos e uma maior diversidade de gêneros, promovendo palestras, cursos, encontros para troca de ideias, exposições, etc. O próximo evento de maior importância é Charleville - Meyiers, em Setembro de 1979. E ainda este ano, no Outono, em Fontoise, será organizada a 1ª Bienal de Teatro de Bonecos. (* Sanvic)

E ainda no assunto de ENCONTRO E FESTIVAIS temos, para breve, a abertura do VI Congresso Internavional de Teatro para a Infância e Juventude, em Madrid, de 10 a 17 de junho. Clóvis Garcia, de São Paulo, prepara suas malas e nos promete notícias.

"DUENDE"

é o nº 1 - Ano I - da revista recentemente publicada da AUTIJ pu seja, a Associação Uruguaia de Teatro para a Infância e Juventude, finalmente reconhecida como Centro Nacional de ASSITEJ. A AUTIJ está planejando o 1º Festival Internacional de Bonecos para 1978. Dois grupos brasileiros parecem ter confirmado suas presenças. A AUTIJ é reconhecida pelo Ministério de Educação e Cultura do Uruguai.

"DON FOLIAS"

é também a nova publicação da recentemente formada Associação de Teatro de Bonecos do México. Fedidos a/c Roberto Lago, Ed. Ave. Marti 243 - 5, Mexico 18, DF.

NA PROGRAMAÇÃO INTERNACIONAL,AINDA PARA ESTE ANO, TEMOS :

- Junho - República Federal Alemã - XXII Festival Int. "Figurtheatrer Der Nationen", em Bochum.
- Junho - Suíça - Fest. Int. de Teatro de Bonecos, em colaboração com o Fest. de Junho de Zurich, em Zurich.
- Junho - USA - (24 a 1º/jul.) F. I. dos "Puppeteers of America, em Lubbock, Texas.
- Julho - Bélgica - Fest. Int. de Bonecos, em Namur.
- Julho - Checo-Eslováquia - Fest. Anual de Amadores da C., em Chrudim.
- Agosto - USA - Festival 78 - "Northeast Region Puppeteers of America", em Lancaster, Pennsylvannia.
- Outubro - Bulgária - IV Fest. Int. de Peças de Bonecos para Crianças, Varna.
- Outubro - Ver nota na pág anterior. Outros eventos não foram anunc.